



*Dizem que um tempinho antes do nosso aniversário, vivemos o inferno astral. Pois bem. Não vivi um inferno! Vivi e vivo com as lembranças do meu passado que me fez ser o que sou hoje!*

*Um dia, quando criança, torcia para ser adulto... Morar sozinha, cuidar da minha vida, ir aonde quisesse com quem quisesse sem dar satisfação para ninguém.*

*Um dia, quando criança, me apaixonei pelo meu professor de química e escrevia cartas e poemas de amor trancada no banheiro para que ninguém me visse - atitude adolescente de criança poeta que sentia vergonha de ser o que era, já que para as minhas amigas da época era coisa de CDF - e eu não queria ficar fora das brincadeiras nem sofrer discriminação.*

Um dia, quando criança, sonhei ser como meu pai: uma pessoa boa e amiga, aquela que estava pronta para qualquer batalha, cúmplice e fiel àqueles que eram verdadeiramente seus amigos. Tinha nele a imagem do ideal e o amava mais que a mim mesma. Era a minha referência de vida, meu melhor amigo, meu poeta preferido, minha orientação indispensável a tudo que imaginava ser perfeito.

Um dia quando criança, sonhava com um mundo sem desigualdades, achava o fim existirem pessoas tão pobres e outras tão ricas... pessoas que trabalhavam duro, no pesado, sol a sol, e outras que pouco ou quase nada faziam e que eram categorizadas como excelências no que realizavam.

Um dia, quando criança, pensava em mudar o mundo! Cantava Chico e Caetano, dançava com Os Mutantes ao mesmo tempo que adorava a Jovem Guarda. Lia Gibran e Garcia Marques. Dançava maculelê e jogava capoeira. Fazia teatro, desenhava e pintava imagens surreais cheias de sentido para uma menina que tinha alma de artista, mas não podia ser. Camuflado, meu potencial ficava congelado no meu mais íntimo espaço de alma diante de uma ditadura. Amedrontada pelas ameaças e punições familiares em decorrência desse momento triste e cruel, vivia em conflito com o que pensava, desejava e não fazia.

Um dia, quando criança, comecei a fumar porque achava lindo! Me sentia importante, mais adulta e achava que eu era uma forma de estar na moda. Namorava e sambava em blocos carnavalescos de uma cidade do interior. Escondida, mas apoiada pelos meus avós que seguravam a barra quando a coisa pegava...

Um dia, assisti ao "Telequete", Nacional Kid, Perdidos no Espaço"; usei calça e saia "santropê", tamoquinho Dr Sholl, vestidinho de lastex e bolsa bordada com cores fortes. Tinha meu grupo de amigos que azarava na praia, outro que amava Bandeira e Vinicius, outro que gostava de brincar na rua como moleque jogando bola de gude e soltando cafifa.

Um dia, quando criança, fui eleita a Miss da minha rua e me achava o máximo! Freqüentava os bailes da Escola Naval, ia a todas matinês dos clubes, paquerava pela janela, ficava na praia porque era lindo aparecer no corpo a marca branca em contraste com a pele morena torrada do sol.

Um dia, vivi intensamente uma juventude sadia e depois me tornei mulher. Que saudade! Saudade das pessoas com quem convivi; saudade desses momentos que me fizeram ser o que sou, saudade da luta por um ideal, saudade... saudade... saudade... Nostálgica saudade que me faz bem sentir, porque, se tenho saudade, é porque foi bom e valeu a pena!

Hoje, sou, apenas sou o que consigo ser... sem querer agradar ninguém por agradar. Não penso em ser diferente para ser querida e aceita. Não desejo ser idealizada...

Sou eu, gente... gente que sabe e sente o mundo através dos sentidos; gente que faz e realiza seus sonhos à medida do possível; gente que se satisfaz com o que pode e vive bem e feliz.

Amo a natureza, exalto o meu Deus, acredito e tenho esperanças... sou verdadeira em minhas palavras, gestos e ações; digna de olhar nos olhos e não me envergonhar de nada nem de ninguém, muito pelo contrário, trago nos olhos o brilho das emoções mais sublimes.

Sou, apenas sou... um EU inconstante como tantos outros que não prezam a perfeição. Trato com carinho aqueles que merecem o meu carinho e sabem conquistá-lo. Carrego comigo o meu sorriso... Ah! Meu sorriso! Deste não esqueço mesmo que a alma esteja triste... Ele faz com que meu EU se supere, ele traz a alguém que o recebe a minha energia vital e colabora, quem sabe, com a percepção do valor que todos temos e necessitamos ter e que, muitas vezes, não é alcançado por muitos. Meu abraço! Ah, meu abraço! Dele também não abro mão, o tenho como forma de demonstrar e reconhecer a importância de querer bem e me mostrar inteira enquanto ser de um universo que emana fonte de felicidade, o que é preciso captar e interagir para que mudemos o mundo e encontremos a paz.

Fico agora com as palavras de Renato:

"E quem um dia irá dizer  
Que existe razão  
Nas coisas feitas pelo coração?  
E quem irá dizer  
Que não existe razão...?"

(Bia Carvalho)